

## HERDEIROS DO ÓDIO – A VIDA DOS FILHOS DOS LÍDERES NAZISTAS

Vinícius Liebel\*

LEBERT, Norbert e LEBERT, Stephan. *Tu carregas meu nome – a herança dos filhos de nazistas notórios*. Rio de Janeiro, Record, 2004, 206 p.

A vida – e a sobrevivência – que nazistas famosos tiveram é tema constante nos trabalhos de historiadores, psicanalistas e jornalistas, bem como de profissionais das mais diversas áreas. Exemplos disso são os trabalhos de Ron Rosenbaum<sup>1</sup> e Gitta Sereny.<sup>2</sup> Suas ações e os maiores aliados dos nacional-socialistas também têm lugar de destaque na produção sobre o tema, como demonstram Edwin Black<sup>3</sup>, Jean Medawar e David Pyke.<sup>4</sup> Um novo campo, entretanto, foi desbravado com a publicação do trabalho de Stephan Lebert.

Não chega a surpreender, em tempos de *voyerismo* extremo, um livro que, aparentemente, “bisbilhote” a vida de pessoas comuns. Este, entretanto, não é o único propósito do texto em questão. Trata-se da continuação do trabalho de Norbert Lebert, pai de Stephan Lebert, produzido em 1959 para a revista *Weltbild* e que levou o nome de *Tu carregas meu nome*. Originalmente, eram entrevistas com os filhos de nazistas famosos, então saindo da adolescência, que buscavam respostas para duas questões principais: como essas crianças viam seus pais e como lidavam com a maior herança por eles legada, qual seja, o sobrenome.

Os artigos escritos por Norbert Lebert despertaram em seu filho uma curiosidade: se hoje, através do desenvolvimento da Psicologia infantil, é conhecida a influência que as ações dos pais, suas frustrações e desejos reprimidos têm sobre o desenvolvimento dos filhos, o que ocorre com a mente de filhos de nazistas, em especial, dos famosos?

O que significa, para este país chamado Alemanha, o fato de os criminosos, cúmplices e comparsas do Terceiro Reich terem tido filhos e netos, transferindo para eles suas agressões, covardia e crueldade, o seu silêncio e os seus mecanismos de repressão? Em qualquer terapia é muito importante saber quando o pai do paciente teve um pai que negou aos filhos uma escolha profissional. E quais as conseqüências se o papai ou o vovô foram criminosos?<sup>5</sup>

As conversas publicadas em 1959 com Wolf-Rüdiger Hess, Martin Bormann Filho, Niklas e Norman Frank, Gudrun Himmler, Edda Göring, Karl-Otto Saur e Robert von Schirach ainda não podiam refletir com clareza as conseqüências que o parentesco dessas crianças com os criminosos nazistas podiam interferir no seu caráter. Já Stephan Lebert, em 1999, tem com suas entrevistas um material mais adequado para fazer tais ponderações. Pôde, então, analisar melhor seus objetos e, assim, verificar que não há uma regra ou norma para o comportamento destes, mas que algumas situações, alicerces morais e emocionais fizeram toda a diferença.

Podemos tomar como exemplos primeiros os casos de Wolf-Rüdiger Hess, filho de Rudolf Hess, e de Edda Göring, filha de Hermann Göring. Hess cresceu tendo seu pai preso em Spandau, cárcere de segurança máxima alemão. Edda Göring, ao contrário, viu seu pai ser preso e, antes de cumprir a sentença de morte por enforcamento, suicidar-se na mesma prisão. Ambos, entretanto, não tiveram problemas com seu sobrenome, ao contrário, ele parece tê-los ajudado em alguns momentos. Isso acarretou em ambos o sentimento de admiração em relação aos pais e de certa nostalgia quanto ao período em que desfrutaram da posição de destaque na “corte” de Hitler. Edda, que não concedeu entrevista em 1999, conserva nas paredes de sua casa retratos de seu pai. Já Wolf-Rüdiger busca a reabilitação de Rudolf Hess perante a história. Para tanto, promove uma verdadeira cruzada para provar a inocência de seu pai e também o seu suposto assassinato em Spandau.<sup>6</sup>

Já Martin Bormann Filho, cujo pai foi secretário-geral de Hitler, encontrou na religião católica amparo para sua condição. Para ele, existem dois pais: um que lhe deu a vida, e por isso o ex-padre lhe devota extremo amor e respeito, como reza o quarto mandamento. O outro foi um criminoso, e quanto a este o filho tem pesadas críticas. “Não seria essa construção um pouco esquizofrênica? Pode ser, para alguns, admite Martin Bormann (filho), ‘para mim não é, para mim é a única possibilidade que tenho’”.<sup>7</sup>

Há, entretanto, as situações extremistas. De um lado, encontramos Gudrun Himmler, filha de Heinrich Himmler, comandante das SS e um dos principais articuladores do holocausto. No outro extremo, Niklas Frank, filho de Hans Frank, ex-governador-geral da Polônia. Graças ao sobrenome, Gudrun sofreu diversos reveses, desde o desrespeito dos soldados aliados no pós-guerra até a negativa para um pedido de bolsa de estudos, sob a alegação de que o contribuinte alemão não poderia custear os estudos da filha de Heinrich Himmler. Apesar de tudo, a filha do *Reichführer* da SS continua a idolatrar o pai, e uma das formas de fugir dos horrores do passado é não concedendo entrevistas. Não foi diferente com o autor do livro. O máximo que se pode saber dela hoje em dia é que mantém uma

organização que busca alimentar, confortar e recolocar na sociedade ex-nazistas. Aparece também em reuniões neonazistas, o que apenas reforça a adoração que tem pelo pai e pelo regime que ele representa.

Já Niklas Frank cresceu na Polônia ocupada pelos nazistas e frequentou algumas vezes os campos de concentração. Quando adulto, tornou-se jornalista e chocou a opinião pública com uma série de reportagens nas quais desabafa o ódio que sente pelo pai. Na série, intitulada *Meu pai, o nazista assassino*, Niklas

Esbravejava e espumava, rompendo todos os limites do jornalismo. Escreveu que no dia 16 de outubro, dia em que seu pai foi enforcado, masturbou-se sobre a fotografia do morto. Escreveu sobre suas insólitas fantasias de ódio e assassinato em relação ao velho Frank. É o caso de um filho que diseca o seu progenitor até o último cantinho da alma, terminando com um fulminante veredicto: seu pai era covarde, corrupto, sedento de poder, cruel, fraco.<sup>8</sup>

São, portanto, dois extremos doentios. Uma se esconde da verdade, cultuando a imagem do pai como a de um herói nacional. O outro sente um ódio mortal de seu progenitor, imerso num inferno de que jamais sairá. São casos que parecem isolados, por serem esses os filhos dos “arquitetos” do Terceiro Reich, mas não são. Podemos observar isso com o exemplo do próprio autor, que se utiliza das páginas do livro para se auto-analisar a todo momento. Seu pai, Norbert Lebert, era membro ativo da Juventude Hitlerista e costumava afirmar que, se a máquina nazista não fosse desmontada com a guerra, provavelmente seguiria carreira como oficial nazista, tornando-se assim um dos monstros que o mundo hoje condena. Stephan Lebert se mostra perturbado em alguns momentos do texto com a simples possibilidade de seu pai poder se tornar um nazista notório – o que, em alguns momentos, compromete sua narrativa e seu julgamento perante os objetos de estudo.

O fato é que a Alemanha é formada por filhos daquela geração, da qual uma grande maioria dos alemães tomou parte dos horrores nazistas. Nesse sentido, qual a extensão das implicações psicológicas que toda a nação sofre? Como controlam suas emoções e seus sentimentos a respeito desse momento histórico e de seus personagens? Acredito que psicanalistas e sociólogos possam ainda vir a lançar luzes sobre essas questões, as quais não são abordadas diretamente no texto de Lebert, que se mostra uma coletânea de artigos, seus e de seu pai, com alguns poucos relances de profunda análise.

É um livro perturbador, na medida em que vemos que, de uma forma ou de outra, as crianças nazistas formaram uma imagem de seus pais e do regime que eles ainda hoje representam. E cada uma delas lida com o fato de uma forma diferente, com ódio, ponderação ou paixão. Não se trata apenas da herança nominal que seus pais lhes legaram; é uma herança cultural que todos os alemães carregam, com culpa ou orgulho, mas que se faz

presente em todos os seus dias, materializando-se em absurdas tentativas revisionistas de reabilitação dos nazistas ou ainda na contínua busca de redenção do povo alemão perante a história.

*Recebido em dezembro/2004; aprovado em março/2005*

### *Notas*

\* Mestrando do PPG em História da Universidade Federal do Paraná.

<sup>1</sup> ROSENBAUM, R. *Para entender Hitler – a busca das origens do mal*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

<sup>2</sup> SERENY, G. *Albert Speer, sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

<sup>3</sup> BLACK, E. *IBM e o Holocausto. A aliança estratégica entre a Alemanha Nazista e a mais poderosa empresa americana*. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

<sup>4</sup> MEDAWAR, J. e PYKE, D. *O presente de Hitler. Cientistas que escaparam da Alemanha nazista*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

<sup>5</sup> LEBERT, N. e LEBERT, S. *Tu carregas meu nome – a herança dos filios de nazistas notórios*. Rio de Janeiro, Record, 2004. p. 19.

<sup>6</sup> Os resultados da empresa de Wolf-Rüdiger Hess podem ser observados na *home-page* por ele mantida: <http://www.gnosticliberationfront.org/The%20Murder%20of%20Rudolf%20Hess.htm>.

<sup>7</sup> LEBERT, N. e LEBERT, S. op. cit., p. 95.

<sup>8</sup> Ibid., p. 115.